

1 Glossário Transdisciplinar

Este Glossário tem por finalidade fornecer aos pesquisadores noções básicas de conceitos que atravessam a reflexão transdisciplinar e ele estará em construção permanente, pois será elaborado pelos participantes desta Rede, que poderão, a qualquer momento, introduzir um verbete novo ou acrescentar uma definição nova ou mais abrangente a uma ou mais definições já presentes no Glossário.



Buscar em todo o texto

por
ordem
alfabética

por
categoria

por
data de
inserção

por
autor

[Inserir novo item](#)

Navegar usando este índice

[Especial](#) | [A](#) | [B](#) | [C](#) | [D](#) | [E](#) | [F](#) | [G](#) | [H](#) | [I](#) | [J](#) | [K](#) | [L](#) | [M](#) | [N](#) | [O](#)
[P](#) | [Q](#) | [R](#) | [S](#) | [T](#) | [U](#) | [V](#) | [W](#) | [X](#) | [Y](#) | [Z](#) | [Todos](#)

A



Auto-Organização

por - Thursday, 30 March 2006, 10:42

Este verbete foi criado por Américo Sommerman.

"Há auto-organização cada vez que, a partir de um encontro entre elementos realmente (e não analiticamente) distintos, desenvolve-se um interação sem supervisor (ou sem supervisor onipotente) - interação essa que leva eventualmente à constituição de uma 'forma' ou à reestruturação, por 'complexificação', de uma forma já existente

"a) Há auto-organização primária quando a interação seguida de eventual integração se realiza entre elementos totalmente distintos (ou havendo, pelo menos, predominância de tais elementos), num processo sem sujeito nem elemento central nem finalidade imanente – as possíveis finalidades

situando-se a nível dos elementos.

"b) Há auto-organização secundária quando, num processo de aprendizagem (corporal, intelectual ou existencial), a interação se desenvolve entre as partes ('mentais' e/ou 'corporais') de um organismo – a distinção entre as partes sendo então 'semi-real' -, sob a direção hegemônica mas não dominante da 'face-sujeito' desse organismo"

Michel Debrun, A idéia de Auto-organização. In: Debrun, M., M.E.Q., Pessoa Junior, O. (orgs.) *Auto-organização: estudos interdisciplinares*. Campinas: UNICAMP/CLE, p. 13.

Conforme Debrun (op. cit. pp. 51-52), no ponto de partida da auto-organização "primária" não existe identidade e nem mesmo se pode dizer que ela seja esperada desde o início do processo. Não há uma "finalidade global prévia", mas os elementos que vão entrar na constituição dessa forma global "podem ter finalidades, intenções, projetos" que, ao longo do processo de auto-organização, são "neutralizadas ou redefinidas". No caso da auto-organização "secundária", a identidade é o ponto de partida, é quem decide as reestruturações e serve de ponto de partida para um novo processo auto-organizado.

E



**ESPERANÇA
(princípios)**

por -
Saturday, 26
November
2005, 10:25

Os Seis princípios de
Esperança na
Desesperança (1)

(...)A desesperança nasce da consciência sobre as carências do Homo sapiens/demens e das manifestações históricas do ruído e do furor que, tantas vezes fizeram tábula rasa da razão e do amor. Essa dialógica dispõe de seis princípios de esperança na desesperança:

·Princípio vital: assim como tudo o que vive se auto -

regenera numa tensão irreductível para o futuro, também todo o humano regenera a esperança regenerando sua vida. Não é a esperança o que faz viver, é o viver que cria a esperança que permite viver.

·Princípio do inconcebível: todas as grandes transformações ou criações foram impensáveis antes de ocorrer.


·Princípio do improvável: todos os acontecimentos felizes da história foram, a priori, improváveis.

·Princípio da toupeira: que cava suas galerias subterrâneas e transforma o subsolo antes que a superfície se veja afetada.

·Princípio de salvação: é a consciência do perigo que, segundo Hölderlin, sabe que "onde cresce o perigo, cresce também o que salva".

·Princípio antropológico: é a constatação de que Homo sapiens/demens usou até o presente uma pequena porção das possibilidades de seu espírito/cérebro. Isso supõe compreender que a humanidade se encontra longe de ter esgotado suas possibilidades intelectuais, afetivas, culturais, civilizacionais, sociais e políticas. Nossa cultura atual corresponde ainda à pré-história do espírito humano e nossa civilização não ultrapassou a idade de ferro planetária.

Estes princípios não trazem consigo nenhuma segurança, mas não podemos livrar-nos nem da desesperança nem da

		<p>esperança. A odisséia da humanidade permanece desconhecida, mas a missão da educação planetária não é parte da luta final, e sim da luta inicial pela defesa e pelo devir de nossas finalidades terrestres; a salvaguarda da humanidade e o prosseguimento da hominização. (p.111)</p> <p>(1) Morin E, Ciurana E & Motta R 2003. <i>Educar na era planetária – o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana</i> Cortez Editora, São Paulo.</p> <p>Verbetes construído por Eduardo Costa</p>	
	<p>ESPIRITUALIDADE por - Saturday, 26 November 2005, 10:26</p>		
<p>“Boff explica a espiritualidade humana, considerando o sentido antropológico presente no termo:</p> <p>Quando nos referimos aqui à espiritualidade entendemos o termo num sentido antropológico e menos num sentido especificamente religioso. Significa a capacidade que o ser humano, homem e mulher, tem de dialogar com o seu eu profundo e entrar em harmonia com os apelos que vêm de sua interioridade. Essa compreensão pode ser realizada por professantes de algum credo religioso como por agnósticos e descrentes. Cada um se encontra com sua estrutura de desejo, com um horizonte utópico, com o masculino e feminino dentro de si, com o universo de sua interioridade. O processo de personalização supõe uma integração desta dimensão que confere serenidade e paz à vida humana. (1994:36)” (Petraglia, 2001:90)</p> <p>“Morin aponta a fé como o mais intenso fenômeno psicocultural, podendo operar a cura ou a morte. Desse modo, feitiços, pragas e maldições podem matar, assim como os milagres podem curar. Cérebro e espírito são, então, uma dupla subordinação cuja unidualidade complexa considera seus caracteres próprios e simultâneos, sabendo-se que não se pode reduzir cada um dos dois termos e que, apesar disso, ambos são unidades complexas; há entre eles dependência e uma relação circular e ainda a insuperabilidade da contradição característica da</p>			

unidade.” (Petraglia, 2001:97)

“Morin nos remete às reflexões do que compreende por religião e verdade:

Toda a evidência, toda certeza, toda a posse possuída da verdade é religiosa no sentido primordial do termo: ela liga o ser humano à essência do real, e estabelece, mais que uma comunicação, uma comunhão.

Julgou poder opor-se radicalmente convicção religiosa e convicção teórica, parecendo apenas a primeira de natureza existencial. De facto, a Fé das grandes religiões transmite segurança, alegria, libertação; a verdade da Salvação assegura a vitória da Certeza sobre a dúvida, traz a Resposta à angústia perante o destino e a morte. Todavia, em virtude do sentido que aqui se reconhece no termo ‘religião’, pode haver uma componente religiosa na adesão às doutrinas ou teorias, mesmo científicas, e esta componente religiosa tem a ver com a natureza profunda do sentimento de verdade. (1986b:125)”

(Petraglia, 2001:99)

“(…) a magia e a religião constituem uma maneira de assegurar as relações de intercâmbio, de compromisso, de segurança, de entreajuda, com as forças e com os seres mitológicos que não existiriam sem nós, mas que nos controlam. Dominado ou explorado, pelos seus deuses e pelos seus génios, o sapiens procura, por seu lado, domá-los, utilizá-los. Serve-os, alimenta-os, oferece-lhes sacrifícios, canta-lhes elogios, dirige-lhes orações, para que, por sua vez, eles lhe assegurem comida, sucesso, protecção, vitória, imortalidade.

Assim, o mito, o rito, a magia, a religião, asseguram um compromisso, não só com as forças noológicas, quer dizer, um compromisso interno, no interior do espírito humano, com as suas próprias fantasias, com a sua própria desordem, com a sua própria ubris, com as suas próprias contradições, com a sua própria natureza crítica.(Morin, 1973:141)”

(Petraglia, 2001:100)

“Edgard de Assis Carvalho assim se expressou:

Aqui a gente precisava ter mesmo a noção do que é essa visão espiritual, porque dimensão espiritual não necessariamente pode supor um ser divino, mas ela pode pressupor um idéia de transcendência, que não necessariamente se identifica com a divindade. (...) A dimensão espiritual no paradigma da complexidade, acho que é esse outro lado. Ela é o poético, ela é o mítico, o mágico, o imaginário que todos nós temos.” (Petraglia, 2001:106)

“O espírito é a experiência interior do corpo” (Jung *apud* Lowen, 1990)

“Se aceitarmos a idéia de que os seres humanos são criaturas espirituais, também

teremos de admitir que a saúde está relacionada com a espiritualidade. Estou convencido de que a perda do senso de ligação com as outras pessoas, com os animais e com a natureza tem como resultado uma séria perturbação na saúde mental.”
(Lowen, 1990:15)

Referências:

Lowen A 1990. *A Espiritualidade do Corpo: Bioenergética para a Beleza e a Harmonia*. Editora Cultrix, São Paulo.
Petraglia I 2001. *"Olhar sobre o olhar que olha" Complexidade, Holística e Educação*. Editora Vozes, Rio de Janeiro.

Verbetes construído por Eduardo Costa


É



Ética
por [Ana Lacerda](#) -
Monday, 10
April 2006,
22:26

"A ética é, para os indivíduos autônomos e responsáveis, a expressão do imperativo da religação. Todo ato ético é, na realidade, um ato de religação, com o outro, com os seus, com a comunidade, com a humanidade e, em última instância, inserção na religação cósmica." (MORIN, 2005, p. 36)

"A ética é complexa por ser de natureza dialógica e ter sempre de enfrentar a ambigüidade e a contradição. É complexa por estar exposta à incerteza do resultado e comportar aposta e estratégia. É complexa por não impor uma visão maniqueísta do mundo e renunciar à vingança punitiva.

		<p>É complexa por ser uma ética da compreensão, sabendo-se que a compreensão reconhece a complexidade humana." (MORIN, 2005, p.195-196)</p> <p>MORIN, Edgar. O método 6: ética. Porto Alegre: Sulina, 2005.</p> <p>Contribuição de Ana Braga de Lacerda</p>	
T			
		<p>Transdisciplinaridade por - Tuesday, 10 January 2006, 21:32</p>	
		<p>Como o prefixo <i>trans</i> indica, diz respeito, àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além das disciplinas. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (Nicolescu, Manifesto da transdisciplinaridade).</p> <p>É diferente de pluridisciplinaridade (ou multi) que diz respeito ao estudo de um objeto, de uma questão, problema ou situação por várias disciplinas ao mesmo tempo. Um quadro de Giotto pode ser estudado pela ótica da história da arte em conjunto com a física, a química, a história das religiões, a história da Europa, a antropologia, a sociologia a geometria, etc.</p> <p>É diferente de interdisciplinaridade</p>	

		que diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra. A interdisciplinaridade ultrapassa as disciplinas, mas a sua finalidade permanece inscrita da pesquisa disciplinar.	
--	--	---	--